

Ano 5, vol IX, Número 2, Jul-Dez, 2012, Pág 192-204

O MÉTODO DIALÉTICO E AS CONTRADIÇÕES DA PESQUISA EDUCACIONAL

Marilsa Miranda de Souza¹

RESUMO: Analisando o método dialético, o artigo busca discutir os principais conceitos do Materialismo Histórico-Dialético e levanta a problemática que envolve a pesquisa a partir das categorias: contradição, concreticidade e totalidade, questionando os métodos fundados numa concepção metafísica e o ecletismo metodológico que atravessa a pesquisa educacional na atualidade. O foco principal da análise é a contradição, como unidade dos contrários. O fundamental no método dialético para chegar à essência do fenômeno é desvendar as contradições e confrontá-las numa práxis social transformadora.

PALAVRAS-CHAVE: dialética – contradição – concreticidade – totalidade.

THE DIALECTICAL METHOD AND THE CONTRADICTIONS OF THE EDUCATIONAL RESEARCH

ABSTRACT: Analyzing the dialectical method, the article aims to discuss the most important concepts of the Historical- Dialectical Materialism and raises the problem that involves the research from the categories: contradiction, concreteness and totality, questioning the methods based on a metaphysical conception and the methodological eclecticism that crosses the educational research nowadays. The main focus of the analysis is the contradiction, as unity of the opposites. The key in the dialectical method to reach the essence of the phenomenon is to reveal the contradictions and confront them in a social transformer praxis.

Key words: dialectics – contradiction – concreteness - total

Vivemos uma das piores crises da história da educação em nosso país. Os altos índices de fracasso escolar, a falta de democratização do ensino e das relações escolares, o analfabetismo, a intensa interferência de organismos internacionais nas políticas educacionais, o sucateamento do ensino público e o conseqüente favorecimento do ensino privado, entre outros graves problemas, vêm demonstrando a crise de Estado burguês brasileiro, semicolonial e semifeudal. A problemática que envolve a educação é cada vez mais complexa e deve ser compreendida em sua totalidade, ou seja, deve ser compreendida a partir do desvendamento de todas as “leis” que a produzem e da ação concreta dos sujeitos históricos que dela fazem parte.

¹ Doutora em Educação Escolar – UNESP e Professora adjunta do Departamento de Educação da Universidade Federal de Rondônia-UNIR.

Confrontar teoria e prática é, pois, o grande desafio dos pesquisadores em educação. Esse confronto deve estender-se aos aspectos mais gerais da educação brasileira e seus determinantes econômicos e políticos postos pelo capitalismo burocrático e pelas agências imperialistas internacionais, pois é dentro dessa realidade que está situada a prática pedagógica do cotidiano.

Neste artigo buscaremos analisar alguns conceitos fundamentais do materialismo histórico-dialético a partir das categorias: Contradição, concreticidade e totalidade aplicadas nas abordagens metodológicas da pesquisa educacional. Há dezenas de propostas metodológicas que se colocam como postulados capazes de interpretar a realidade, entretanto, muitas servem apenas para obscurecê-la. O próprio método dialético vem sendo deturpado na sua essência, pois muitos pesquisadores não levam em conta as contradições inerentes ao fenômeno pesquisado, a sua totalidade concreta, resultando numa representação idealista.

O Materialismo Histórico-Dialético

Ao tratar “*Sobre a questão da dialética*” Lênin afirma que existem duas concepções fundamentais na compreensão do desenvolvimento do mundo: a metafísica e a dialética. A primeira com categorias fixas, que trata o desenvolvimento como diminuição e aumento e como repetição, a segunda como categorias fluídas, como unidade de contrários.

Las dos concepciones fundamentales (¿o las dos posibles?, ¿o las dos que se observan en la historia?) del desarrollo (de la evolución) son: el desarrollo en el sentido de disminución y aumento, como repetición, y el desarrollo en el sentido de la unidad de los contrarios (el desdoblamiento de la unidad en dos polos que se excluyen mutuamente y la relación entre ambos) (LÊNIN, 1925, p.3)

Lênin caracteriza a primeira como “morta, pobre, pálida e seca” e segunda tem vitalidade, é a chave do auto movimento de tudo o que existe, é a destruição do velho e o surgimento do novo (Lênin, 1925, p. 5).

A vida social não é algo de imutável e cristalizado, não se detém nunca no mesmo nível, está em eterno movimento, num eterno processo de destruição e de criação. Não era por acaso que Marx dizia que o eterno movimento e a eterna destruição-criação são a substância da vida. Por isso na vida existe sempre o ‘novo’ e o ‘velho’, o que cresce e o que morre e, ao mesmo tempo, incessantemente, sempre, algo nasce... O método dialético diz que é preciso considerar a vida como ela é na realidade. A vida encontra-se em incessante movimento, por conseguinte devemos também considerar a vida no seu movimento, na sua destruição e criação. para onde vai a vida, que é que

morre, que é que nasce na vida, que é que se destrói, que é que se cria, eis que espécie de questões devem antes de mais nada interessar-nos (LÊNIN, 2004).

Essas concepções metafísicas podem ser encontradas nas abordagens idealistas, empiristas, estruturalistas, ecléticas, positivistas (FRIGOTTO, 2001, p.74) que apreendem tão somente a “pseudoconcreticidade”, ou seja, a aparência do fenômeno social, sem desocultar a essência da “coisa em si” (KOSIK, 1969). A metafísica se materializa no subjetivismo vulgar que orienta os métodos de investigação de forma linear, a-histórica, fragmentada, que não avançam além da aparência do fenômeno e estacionam-se nas representações e na falsa consciência. Essas abordagens metodológicas consideram todos os fenômenos do mundo como isolados e estáticos, compreendem as mudanças que se operam nos fenômenos apenas como deslocamento, diminuição e aumento decorrentes de forças exteriores. As abordagens qualitativas de concepção idealista buscam desvendar fenômenos a partir de causas externas negando suas contradições internas. Incapazes de explicar a diversidade dos fenômenos e suas transformações, os intelectuais burgueses empulham-se numa infinidade de métodos que servem apenas para escamotear a realidade e evidentemente colocar a ciência a serviço do capital.

O método dialético, ao contrário, é capaz de alcançar o verdadeiro conhecimento, pois se aplica a totalidade da matéria, do universo, da sociedade e do pensamento humano. Funda-se na história, no real-concreto, compreendendo toda subjetividade como reflexo da realidade objetiva, pois “o modo de produção da vida material condiciona o processo em geral de vida social, político e espiritual. Não é a consciência dos homens que determina o seu ser, mas ao contrário, é o seu ser social que determina sua consciência” (MARX,1985, p.25). Esse foi o ponto de contradição com a filosofia hegeliana. Para o idealismo é a consciência que produz a realidade, para Marx, ao contrário, é a realidade que produz a consciência.

Essa premissa é o ponto central da teoria marxista, onde um novo método de análise da realidade foi construído. Se a consciência se forma como fruto das relações sociais estabelecidas no mundo material, o estudo da realidade só pode ser verdadeiramente correto a partir do concreto, da ordem material e não pela consciência forjada pelo mundo espiritual fenomenológico. No método dialético o pensamento por

ser produzido nas relações sociais, é concreto, não se separa da matéria, o que torna a realidade social indivisível.

O desvelar das contradições na concreticidade/totalidade e sua centralidade no método dialético

O princípio da totalidade foi desenvolvido por Engels na *A dialética da Natureza* onde trata da relação dos objetos e fenômenos e sua relação recíproca como a conversão quantidade-qualidade, interpenetração dos opostos e negação da negação (ENGELS, 1979, p.34-35), tão bem interpretado por Lênin:

Por consiguiente, los contrarios (lo particular es contrario de lo general) son idénticos: lo particular no existe más que en su relación con lo general. Lo general existe únicamente en lo particular, a través de lo particular. Todo lo particular es (de un modo u otro) general. Todo lo general es (partícula o aspecto, o esencia) de lo particular. Todo lo general abarca sólo de un modo aproximado, todos los objetos aislados. Todo lo particular forma parte incompleta de lo general, etc., etc. Todo lo particular está ligado, por medio de millares de transiciones, a lo particular de otro género (objetos, fenómenos, procesos), etc. Por consiguiente, los contrarios (lo particular es contrario de lo general) son idénticos: lo particular no existe más que en su relación con lo general. Lo general existe únicamente en lo particular, a través de lo particular. Todo lo particular es (de un modo u otro) general. Todo lo general es (partícula o aspecto, o esencia) de lo particular. Todo lo general abarca sólo de un modo aproximado, todos los objetos aislados. Todo lo particular forma parte incompleta de lo general, etc. Todo lo particular está ligado, por medio de millares de transiciones, a lo particular de otro género (objetos, fenómenos, procesos), etc. (LÉNIN, 1925, p. 10).

A premissa de que tudo se relaciona é o princípio da totalidade, como explica Kosik:

A compreensão dialética da totalidade significa não só que as partes se encontram em relação de interna interação e conexão entre si e com o todo, mas também que o todo não pode ser petrificado na abstração situada por cima das partes, visto que o todo se cria a si mesmo na interação das partes. (KOSIK, 1969, p. 42).

Dessa forma, para apreender a totalidade do concreto é necessário buscar uma síntese explicativa para as várias articulações do real pela “unidade do diverso” uma vez que o diverso é a contradição existente no fenômeno. O concreto é concreto porque é síntese de muitas determinações, isto é, unidade do diverso” (MARX, 1985, p.14). A realidade é concreta e se encontra na sua totalidade.

Marx compreende a contradição, como unidade dos contrários. Desta forma, o fundamental no método dialético para chegar a concreticidade é compreender as contradições existentes no fenômeno: o simples e o complexo, o concreto e o abstrato, a

qualidade e a quantidade, o particular e o geral, a essência e a aparência, etc. O princípio da contradição é central na apreensão da realidade, pois em todas as coisas existem forças que se opõem e que simultaneamente formam uma unidade. Uma força não existiria sem a outra, como a vitória e a derrota, o frio e o quente, a tristeza e a alegria, o bom e o ruim, etc. Em todas as coisas e fenômenos existe contradição. Sobre a universalidade da contradição Engels explica que,

...um ser é, no mesmo instante, ele mesmo e outro. A vida não é, pois, por si mesma, mais que uma contradição encerrada nas coisas e fenômenos e que se está reproduzindo e resolvendo incessantemente: ao cessar a contradição, cessa a vida e sobrevém a morte (ENGELS, 1979, p.102).

Além da universalidade da contradição, os pensadores dialéticos afirmam a existência de uma contradição principal no interior de cada coisa ou fenômeno. Quem melhor desenvolve essa teoria é o líder comunista chinês Mao Tsetung. Em seu estudo “Sobre a Contradição” Mao Tsetung afirma que “se um processo comporta várias contradições, existe necessariamente uma delas que é a principal e desempenha o papel diretor, determinante” (MAO TSETUNG, 1979, p. 55).

Para encontrar a contradição principal é necessário analisar minuciosamente todas as contradições do fenômeno, verificando os dois aspectos de cada um buscando apreender o que há de geral e particular, de identidade e oposição no desenvolvimento deles. Segundo Mao Tsetung (1979) uma contradição é a principal quando por um determinado tempo sua solução subordina a solução das demais. Na sociedade capitalista a contradição principal entre capital e trabalho gera duas forças antagônicas: a burguesia e o proletariado, as outras contradições como entre o latifundiário e sem terra, entre burguesia burocrática e burguesia compradora, entre imperialismo e colônias, etc. são todas determinadas pela contradição principal ou sob influencia desta. Quando um país lança uma guerra de agressão contra outro país a exemplo dos EUA e o Iraque, a contradição principal passa a ser a guerra. As contradições mudam de posição. “La unidad (coincidencia, identidad, equivalencia) de los contrarios es condicional, temporal, transitoria, relativa. La lucha de los contrarios, que se excluyen mutuamente, es absoluta, como es absoluto el desarrollo, el movimiento (LÊNIN, 1925, p. 6). Assim, em cada etapa do desenvolvimento da sociedade podemos identificar uma contradição principal.

A unidade é transitória e condicional e a luta dos contrários absoluta e incondicional, mas não podem estar separadas, constroem uma unidade contraditória: “um se divide em dois”. Podemos utilizar como exemplo nós mesmos. Somos contraditórios, naturalmente. Ao levantar pela manhã travamos uma luta interna. Uma força insiste para que possamos continuar dormindo deliciosamente, outra nos arremessa da cama para irmos ao trabalho. Fazer ou não fazer determinada ação são batalhas que travamos internamente, todos os dias, pois todos os aspectos de uma contradição se excluem, lutam e se opõem entre si. Em algumas situações um se transforma no outro (*in nuce*) uma vez que “toda a lógica se desenvolve unicamente a partir dessas contradições progressivas” (ENGELS, 1979, p. 127).

Fica claro que a contradição é a lei fundamental da dialética materialista. Para desvendarmos tal lei, que é a essência da dialética, é preciso investigar profundamente os fenômenos, os problemas que lhe dão origem. O desenvolvimento dos fenômenos é determinado pelas suas contradições internas, daí porque se deve partir da particularidade da contradição para se chegar aos pólos principais de sua luta, identificando o lugar do antagonismo e da contradição. O conhecimento se realiza como separação de fenômeno e essência, do que é secundário e do que é essencial, já que só através dessa separação se pode mostrar a sua coerência interna, e com isso, o caráter específico da coisa. Neste processo, o secundário não é deixado de lado como irreal ou menos real, mas revela seu caráter fenomênico ou secundário mediante a demonstração de sua verdade na essência da coisa. Esta decomposição do todo, que é elemento constitutivo do conhecimento filosófico – com efeito, sem decomposição não há conhecimento – demonstra uma estrutura análoga à do agir humano: também a ação se baseia na decomposição do todo. (KOSIK, 1969, p.14).

Compreender as contradições apresenta-se como o único caminho para chegar ao conhecimento. A busca da verdade não depende de conciliação, daí que pesquisar é um ato político. Os métodos de investigação nascem de uma prática social, de posturas, de ideologias, que influenciam e são influenciadas pela sociedade.

A crise das Ciências Humanas e os métodos de pesquisa

A confusão de métodos de pesquisa e sua ineficácia no estudo e proposições de soluções para os problemas sociais e a despolitização dos cientistas sociais, tem gerado uma crise aguda nas Ciências Humanas. Japiassú aponta duas hipóteses para tal crise. A primeira reside na lógica da encomenda administrativa da pesquisa pelo Estado ou pelas empresas privadas, ou seja, o “desregramento institucional”. A pesquisa encomendada é utilitária e perversa, pois serve aos interesses do financiador. “A lógica do conhecimento submete-se à lógica do mercado, instala-se o carreirismo, buscam-se a todo custo a promoções e o reconhecimento” (JAPIASSÚ, 1997, p. 78). A situação tende a se agravar ainda mais na pesquisa educacional devido as recentes mudanças no sistema de financiamento². A segunda hipótese do autor é a perda da capacidade do cientista em se “autolegitimar”, de se organizar em virtude de uma lógica autônoma do questionamento e do pensamento”. As ciências sociais ao se deixar colonizar pelo Estado por meio da pesquisa encomendada ou recomendada abandonaram suas próprias questões e passaram a responder às “demandas sociais”, tornado-se mudas e inúteis. Somente com a separação do *Estado* e do *saber* é possível resgatar as Ciências Sociais (JAPIASSU 1997, p. 79).

Concordamos com a crítica de Japiassú, mas entendemos a crise das ciências humanas como uma crise associada à própria crise estrutural do capitalismo. A uma nova ordem internacional imposta pelo imperialismo norte americano, tem exercido uma pressão implacável sobre os trabalhadores e se materializa por meio da globalização baseada na reestruturação do sistema produtivo mundial, da alta concentração do capital, do recrudescimento da extração da mais-valia, no saque dos países semicoloniais como é o caso do Brasil, dos choques incessantes entre as políticas imperialistas por meio das guerras comerciais com ofensiva neocolonizadoras e no acúmulo de um gigantesco excedente de capital financeiro parasitário que se convertem em recessão, desemprego e subemprego, fome e miséria para milhões de trabalhadores em todo o mundo. Esgotou-se o ciclo de crescimento do período pós-guerra, tornou-se necessário substituir a política de gastos do Estado e de seu modelo de desenvolvimento

² A nova modalidade de financiamento é a Parceria Público-Privada, um acordo jurídico celebrado entre a Administração Pública e entidades privadas para a implantação ou gestão, no todo ou em parte, de serviços, empreendimentos e atividades de interesse público em geral, por meio de investimentos privados.

por um outro modelo, o neoliberal, incentivando a abertura comercial, a privatização das empresas estatais e a desregulamentação dos direitos trabalhistas (ANTUNES, 1997).

Alguns teóricos neoliberais (GORZ, 1980, KURZ, 1997, GIDDENS, 1991, HARVEY 1993) vêm chamando essa nova ordem capitalista de “Pós-Modernidade” e acentua o discurso do fim do trabalho concreto por meio do fortalecimento da flexibilização das relações trabalhistas, do avanço tecnológico e do “fim” da ameaça comunista. O capitalismo neoliberal tenta vender a idéia do fim da luta de classes, logo, o fim da contradição capital x trabalho, capital x natureza, enfim, anuncia um mundo onde as contradições estariam superadas. Outra racionalidade é apresentada, causando incertezas, insegurança e declínio da verdade por uma relatividade mórbida. Essa nova racionalidade chamada de reestruturação produtiva despede-se do proletariado e proclama o fim da luta de classes, fim do trabalho ativo pelo trabalho passivo, uma “não-classe de não- trabalhadores (GORZ, 1980, p.13). Habermas (1990) contesta Marx, propondo a revisão de algumas categorias como classes sociais, ideologia, dominação, pois elas não mais explicam a passividade e a despolitização dos trabalhadores produzidas pelos meios de comunicação de massa. Essas categorias deveriam ser substituídas pelo que ele chama de *interação*. Propõe a substituição das contradições geradas pelas formas de produção, pelo apaziguamento das classes a partir da *ação comunicativa*, como elemento de acordos e negociações. Da mesma forma, Offe (1984, 1989) e outros teóricos da Escola de Frankfurt afirma o fim das contradições. Afirmar o fim das contradições é reduzir-se a um determinismo ilógico e irracional. Classes sociais não se dissolvem em si mesmas, pois se originam do processo histórico e não se confundem com as mudanças que se operam no modo de produção.

Essa ideologia pós-moderna ganhou o terreno da academia. Nos cursos de pós-graduação é o que se vê. O exemplo pode ser apontado em cursos de Mestrado da Universidade Federal de Rondônia em que a bibliografia básica de várias disciplinas se fecham nos teóricos “Pós-Modernos”, alguns até irracionistas como Robert Kurz (GIANOTTI, 1993). O que se observa na academia é a tentativa de transformar tudo em “aparências” organizadas numa fantástica erudição desencarnadas de *ações* (JAPIASSU, 1997, p. 83). A superação da crise não se dará pela *revolução tecnológica* de Offe, nem pela *Ação comunicativa* da Habermas, muito menos pela *razão sensível* de Kurz, mas pela radicalização da luta de classe. É necessário ir além das aparências e

insistir em categorias marxistas como: modo de produção, revolução, classe social, etc., pois a cada dia o capitalismo apresenta mais contradições e o papel do pesquisador das Ciências humanas é desvendá-las. É preciso resgatar o papel político das Ciências Humanas considerando que a sociedade capitalista, cada vez mais complexa, exige da ciência muito mais rigor metodológico no estudo da realidade social.

O método dialético como práxis na pesquisa educacional

Numa abordagem dialética, devemos sempre perguntar: como se reproduz a realidade social e que idéia temos dessa realidade.

Uma parte significativa da pesquisa educacional parte das concepções ecléticas (metafísicas). Evidencia-se o pluralismo ou eclecismo metodológico chamado por Lefébvre de “sopa metodológica” que nada mais é que uma nova roupagem do positivismo. Essa mistura de métodos, ideologias e técnicas têm se constituído na forma utilizada pelas classes dominantes para escamotear a verdadeira realidade. Querem esconder as contradições do modo de produção capitalista, preocupando-se apenas com os fatos sociais, uma vez que acreditam ser a desigualdade, natural. Como podemos observar em declarações de importantes teóricos metafísicos como Karl Popper

Pretendo que vivemos num mundo maravilhoso. Nós, os ocidentais, temos o insigne privilégio de viver na melhor sociedade que a história da humanidade jamais conheceu. É a sociedade, a mais justa, a mais igualitária, a mais humana da história (POPPER, citado por JAPIASSU, 1997, p. 77).

Vários autores anunciam uma “crise de paradigmas” nos mais diferentes campos do conhecimento, dentre eles se destaca Thomas Kuhn que contrapondo o empirismo lógico na ciência defende uma realidade desestruturada. O sujeito tem acesso à realidade por meio de estímulos organizados na percepção e no paradigma de que dispõe. Kuhn elimina o pólo objetivo da relação do conhecimento, permitindo um sociologismo estéril. Para ele a realidade não oferece fundamento para comparações, por isso não fornece a base objetiva do conhecimento. Ora, a realidade é objetiva, concreta, ponto de partida e de chegada na busca do conhecimento científico.

Parece que o melhor método será começar pelo real e pelo concreto, que são a condição prévia e efetiva (...). Assim, a pesquisa deve se iniciar pelo existente, pelo concreto-dado. Mas o que é o concreto-dado? (...) o concreto é concreto por ser a síntese de múltiplas determinações, logo, unidade na diversidade (MARX, 1983, p. 218).

E sendo o concreto a “síntese de múltiplas determinações” o pesquisador deve estudar minuciosamente suas categorias explicativas mais simples chegando até as abstrações, as teorizações sobre o objeto de estudo.

O desafio que temos na pesquisa educacional é o de confrontar o real no seu particular, pois é partir do particular que se chega a totalidade completa.

Numa perspectiva dialética a pesquisa educacional pode sustentar todas as categorias do materialismo histórico, pois a particularidade e a totalidade estão interligadas. Um objeto de estudo deve ser investigado desde seu nascimento a partir de suas relações sociais, políticas e culturais, ou seja, em toda a sua complexidade construída na realidade histórica e desta forma as particularidades que constituem o objeto vão se desvelando até chegar a essência, ou seja, a totalidade. Ao estudar uma problemática educacional não se pode esquecer do todo em que ela está ligada. Ex. O Banco Mundial financia várias políticas educacionais, mas suas conseqüências são diferentes em cada local. Se construída a partir do método dialético, a pesquisa educacional pode ser uma conexão precisa da teoria e a prática, mas se realizada a partir de uma concepção idealista, positivista ou outras formas de representação metafísica, seu limite é a pseudoconcreticidade, o mascaramento da realidade social.

A pesquisa educacional tem sido fortemente influenciada pela concepção metafísica, representada pelos mais variados métodos subjetivos e fenomenológicos que nos últimos anos se escoram nas teorias da escola de Frankfurt, nas teorias neoliberais pós-modernas e outras formas de representação da ideologia burguesa.

Frigotto assinala que um dos fatores que conduzem muitos pesquisadores educacionais a essa confusão é o fato de serem formados numa concepção metafísica, pois os currículos da graduação e da pós-graduação, os métodos e técnicas de pesquisa nos indicam uma organização positivista. Logo, não conseguem apreender o caráter histórico do objeto e tomam por abstrações as categorias totalidade e contradição, não conseguindo relacionar parte-todo, todo-parte, muito menos compreendem as inúmeras contradições existentes no fenômeno. As categorias se tornam abstratas, vazias de historicidade, produzem uma falsa transposição qualidade e quantidade, etc. (FRIGOTTO, p. 81-83). Essas pesquisas são em sua maioria especulativas e falseiam o método dialético.

Após elaborado o referencial teórico a partir do qual se anuncia a intenção de utilizar o método dialético, desenvolve-se um tipo de análise, a não ser pelo emprego de conceitos tomados do marxismo, não difere na verdade, do modelo, relegado sob a pecha de positivista, neopositivista ou empirista, predominante em épocas anteriores (GOUVEIA, 1985, p.65)

Não basta apenas um quadro referencial, como podemos encontrar em muitas produções de dissertações e teses que esvaziam e corrompem o materialismo histórico dialético. Não basta utilizar textos de Marx, Engels, Gramsci, etc., sem distinguir as principais leis que estruturam o fenômeno social e suas contradições internas, denuncia Gamboa (2001) que em pesquisa realizada sobre a utilização do método dialético nas pesquisas da pós-graduação das principais universidades do Estado de São Paulo, aponta que a maior parte das pesquisas, com a pretensão de serem dialéticas, são na verdade uma mistificação da dialética. Há uma fuga das contradições, da luta dos opostos, ou seja, há um enorme esforço para harmonizar e desconsiderar as contradições.

O materialismo dialético só pode ser compreendido enquanto práxis. Nas teses sobre Feuerbach Marx afirma: “É na práxis que o homem precisa provar a verdade, isto é, a realidade e a força, a terrenalidade do seu pensamento. A discussão sobre a realidade ou a irrealidade do pensamento - isolado da práxis - é puramente escolástica”, ressaltando que “a essência do homem não é uma abstração inerente ao indivíduo isolado”, mas o conjunto de suas relações sociais, já que “a vida social é essencialmente prática” (MARX, 1989, p. 94-96).

Uma pesquisa educacional realizada nessa perspectiva não se propõe apenas a crítica da realidade, mas a transformação da realidade pesquisada no plano histórico-social como acentua Frigotto: “A ação, prática como critério de avaliar a subjetividade do conhecimento, é insistentemente clara em Marx, Lênin, Gramsci e Mao”. (2001, p. 81). Para esses pensadores dialéticos o conhecimento e prática jamais se separam. E não se separam por que em sua essência é a teoria do conhecimento do proletariado. Assim, quem o utiliza deve necessariamente fazer uma opção de classe. Os interesses de classe devem ocupar um papel importante no trabalho investigativo, uma vez que não existe neutralidade científica. Esses desvios transformam o marxismo, que é uma teoria revolucionária em “marxismo acadêmico” que serve ao discurso reformista, mecanicista, oportunista e vulgar.

Conclusão

A opção de classe está necessariamente vinculada a uma atitude revolucionária, a uma práxis social. Para Frigotto (2001, p.77) “romper com o modo de pensar dominante ou com a ideologia dominante, é, pois, condição necessária para instaurar-se um método dialético de investigação”, não sendo possível compreender o método dialético desvinculado do marxismo em sua totalidade. Como investigar a problemática educacional sem adentrar em suas contradições internas e conseqüentemente nas contradições do capitalismo? O reformismo acadêmico que minimiza ou ignora a teoria das contradições não pode ser chamado de dialética, pois numa sociedade classista como a nossa é impossível fazer ciência sem confrontar o poder hegemônico.

Assim, há que se falar de práxis social. Não dá para aceitar que o método dialético seja utilizado apenas como um procedimento metodológico, destituído do caráter classista, pois além de ser um superior método de investigação científica, ele é em sua essência um poderoso instrumento de luta dos trabalhadores, é o método da revolução.

Bibliografia

ENGELS, Friedrich. **Anti-Dürhing**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

_____. **Dialética da Natureza**. Rio de Janeiro: paz e Terra, 1979

FRIGOTTO, Gaudêncio. **O enfoque da dialética materialista histórica na pesquisa educacional**. IN. FAZENDA, Ivani. Metodologia da pesquisa educacional. São Paulo: Cortez, 2001.

_____. **Educação e crise do capitalismo real**. São Paulo: Cortez Editora, 1995.

GAMBOA, Silvio. A. S. **A dialética na pesquisa em educação: elementos de contexto**. IN. FAZENDA, Ivani. Metodologia da pesquisa educacional. São Paulo: Cortez, 2001.

GOUVEIA, Aparecida. J. **Orientações teórico-metodológica da sociologia da educação no Brasil**, in Cadernos de Pesquisa, são Paulo, 1985, p. 63-67.

GIDDENS, A. **As conseqüências da modernidade**. São Paulo: Editora da UNESP, 1991.

GIANOTTI, J. **As diabruras metafísicas de Robert Kurz**. Novos Estudos. CEBRAP. São Paulo, nº 23, 48-52, Julho, 1993.

GORZ, A. **Adeus ao proletariado. Para além do socialismo**, Rio de Janeiro:Forence, 1980.

HARVEY, D. **A condição pós-moderna - uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural**. São Paulo: Loyola, 1993.

HABERMAS, J. **Para reconstrução do materialismo histórico**. Tradução Carlos Coutinho. São Paulo: Brasiliense, 1990.

JAPIASSU, Hilton. **A Crise das Ciências Humanas**. IN FAZENDA, Ivani (Org). A pesquisa em Educação e as transformações do conhecimento. Campinas-SP: Papyrus,1997.

KOSIK, Karel. **Dialética do Concreto**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1969.

LEFÉBVRE, Henri. **Lógica formal e lógica dialética**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1975.

LÊNIN, V. I. **O materialismo dialético e o anarquismo**. Disponível em: <http://www.midiaindependente.org/pt/blue/2004/02/274499.shtml>
_____. **En Torno a la cuestion de la dialectica**. Revista Bolchevik, núms. 5-6, 1925.

MARX, K. **O Capital: Crítica da Economia Política**. Livro 1, Volume 1. São Paulo, Difel, 1985.

MARX,K. & ENGELS.F. **A Ideologia Alemã**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.
_____. **Contribuição à Crítica da Economia Política**. São Paulo, Martins Fontes, 1983.

MAO TSETUNG. **A Filosofia de Mao Tsetung**. Belém: Boitempo, 1979.

OFFE, C. **Problemas estruturais do Estado capitalista**. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1984.

_____. **Trabalho desorganizado**. São Paulo, Brasiliense, 1989.

Recebido em 25/11/2012. Aceito em 4/12/2012.